



MADAME SEGOND-WEBER (da Comédie Française) declamando a "Marselheza"

(«Cliché» Reutlinger).

2.ª série — N.º 508

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Trimestre..... 1\$20 cty.  
Semestre..... 2\$40 >  
Ano..... 4\$80 >

Numero avulso 10 centavos

# Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal

O SÉCULO

Lisboa, 15 de Novembro de 1915

Dirêtor: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.  
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, administração, oficinas de composição e impressão

REMINGTON  
UMC

# CARTUCHOS Para Rifles de Calibre 44



Como possuidor de um rifle interessa-lhe munição que conta com o apoio de um record dependível desde ha cincuenta annos.

Isso é o que se obtem quando se compram cartuchos calibre .44.

Todas as caixas de qualquer calibre que tenham a marca bolla vermelha Remington - UMC tem esta garantia de confiança e todo o apoio.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company  
239 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil  
LEE & VILLELA  
Caixa Postal 420, São Paulo  
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro

No Territorio de Amazonas  
OTTO KUHLEN  
Caixa Postal 20 A.  
Manáos

Agente em Portugal: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa.

**Vizella**  
O MELHOR SABONETE

TELEPH. N.º 2638  
**PERFUMARIA ROSA D'OURO**  
COLossal SORTIMENTO  
Rua do Oura, 261 JOAQUIM R. ALVES  
LISBOA

## REMEDIO FRANCES



Em todas as pharmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte com: rando 2 Frascos.

## FOTOGRAFIA

*Reutlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEFONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR



SELLOS DE CORREIO  
CATALOGO GRATIS E FRANCO  
Remettam-se Folhas para escolher  
**POULAIN FRÈRES**  
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

## Grande marca franceza



**CRÈME  
SIMON**

PARA

conservar ou dar  
ao rosto  
**FRESCURA  
MACIEZA  
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphaera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10<sup>e</sup>  
Saint-Martin  
PHARMACIAS, PERFUMERIAS  
e lojas de Cabellerei os.

*Desconfiar das Imitações.*

## DORES DE COSTAS

### PILULAS FOSTER PARA OS RINS

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias; calculos; nevralgias; reumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram — se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & Co, Succes.,  
Rua Mousinho da Silveira, N.º 85, Porto.

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 508

15-11-1915

## Yuan-Shi-Kai

Quando, ha anos, se proclamou a república na China, houve um movimento geral de assombro. Por um vasto sistema de razões etnicas, politicas e religiosas, o Celeste Imperio era estruturalmente, de todos os impérios mundiaes, aquele que menos parecia harmonisar se com a organização de uma república democrática. Passaram-se tres anos de guerra civil, em que a nova China procurou difficilmente o equilibrio de todas as suas forças politicas. Encontrou-o no dia em que, na mais alta magistratura do Estado chinês, foi investido um homem virtuoso, sensato, inteligente e culto: Yuan-Shi-Kai. Agora, um telegrama de Paris traz-nos a noticia, não menos sensacional, de que a China, pelo voto formidavel da maioria das suas provincias, decidira proclamar o presidente da república, Yuan-Shi-Kai, seu imperador. O Celeste Imperio das cabaias doiradas e dos papagáios de sêda, regressa plácidamente á sua fôrma de governo tradicional, — a única que sente e que compreende. Mas não será sobremaneira incômodo para a China ter de proclamar a Republica todas as vezes que precise de escolher um bom imperador?



## França Borges

Não são raros em Portugal os homens ilustres; mas são raros em Portugal os homens coerentes. Morreu ha poucos dias um: França Borges. A vida do notavel jornalista republicano, que uma meningite tuberculosa acaba de extinguir em Davos-Platz, foi a afirmação rectilinia de uma coerencia e d'um caracter. Presto u á Republica, no periodo de propaganda, os mais assinalados serviços. Sofreu pela Republica, no periodo de organização revolucionária, as mais duras perseguições. E entretanto, depois da vitoria da causa que lhe custara saúde, nervos, entusiasmo, vida, — nada quiz aceitar da Republica. A nobreza do seu desinteresse, o orgulho da sua intransigência, a delicadeza da sua sensibilidade, o paradoxo da sua rudeza, os próprios defeitos das suas qualidades, fizeram de França Borges um caracter, — e d'esse caracter um exemplo invulgar. O diretor do «Mundo» pertenceu a uma rara categoria de homens que, na frase feliz de Adam Mickiewicz, «sabem ser os amigos mais leaes e os inimigos mais implacáveis».



## A Grécia

Emquanto os sérvios heróicos se batem, a Grécia mantém, a despeito do seu tratado de aliança, uma atitude de vaga e antipática neutralidade, que seria deshonrosa para a nação grega, — se não fôsse por demais conhecido o divórcio entre a nação e o rei. Os ministérios succedem-se, — Vinizellos, Zaimis, Skouloudis; é dissolvido o parlamento; o povo põe o seu dilema ao monarca: «ou guerra fóra, ou guerra dentro». E' possível que o rei Constantino reconheça em brêve quanto é perigoso pretender resolver com habilidades politicas uma questão que afeta profundamente a consciência e a dignidade d'um povo. Não estamos já no século XV, em que os destinos das nações se regulavam pelos interesses familiares das dinastias ou pela vontade pessoal dos reis. Quem faz hoje a paz e a guerra não são as chancelarias; são os povos. E quando um povo encontra um embaraço á marcha da sua vontade, — elimina-o,



## Atlântida

Portugal desconhece quasi completamente a literatura brasileira contemporânea. E, entretanto, pertencem á literatura brasileira alguns dos escritores que mais alto teem levantado o prestígio da lingua portugueza. Por que não se lerá em Portugal uma literatura onde resplandecem os nomes excelsos de Coelho Neto e de Olavo Bilac? Primeiro, porque em Portugal quasi não se lê. Depois, porque o livro brasileiro chega ao mercado portuguez por tal fôrma onerado, que a sua aquisição se torna difficil. E ainda porque os homens de letras dos dois paizes — e em especial os nossos — embora conhecendo-se, admirando-se e respeitando-se, não têm sabido estreitar as suas relações intellectuaes e defender os seus interesses comuns. «Atlântida», o novo mensário dirigido no Brazil por João do Rio, em Portugal por João de Barros, e publicado sob o patronato dos ministros dos negocios estrangeiros dos dois paizes, propõe-se realisar essa aproximação desejada e indispensavel. A vontade e a fé, que movem montanhas, — farão o milagre de estreitar um oceano.



JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Gustavo)

# a boneca



partimento, quasi colados um ao outro. Vestiam de preto, rigorosamente de preto. Ele trazia um colarinho antigo, largo, com um nó de seda, cujas pontas caíam simetricamente sobre o peitilho lustroso da camisa e entalava nos joelhos um guarda-chuva enorme com um largo castão de prata. Ela vestia um mantelete curto, um chapéu, em feitiço de coifa, sobre o penteado que abria n'uma grande risca, sobre a testa, os cabelos brancos, de linho, já raros e ligeiramente ondeados.

Deram-me na vista sobretudo pela ternura dos seus perfis e pelo ar de carinhosa intimidade que respiravam. Pareciam dois noivos — dois noivos velhinhos que se olhassem com longos olhares de carícia. E na sua expressão havia ainda qualquer coisa de delicado e infantil. Quando eu entrei, trocaram, baixo, quasi em segredo, algumas palavras. Depois, ela encostou suavemente o braço ao d'ele e continuaram, muito juntos, olhando, através da vidraça, o vae-vem da estação. Tinham arrumado, na rede, toda a bagagem. Apenas a velha conservava junto de si, na almofada, uma caixa comprida, estreita, de madeira, que duas largas fitas de seda azul cingiam. Dir-se-ia um brinde fragil, taes os cuidados com que a doce creatura a rodeava, aconchegando a a si.

Faltava ainda bastante tempo para a partida do comboio. Começava agora a azafama dos passageiros e o movimento das malas. A pouco e pouco, a nossa carruagem encheu-se. Primeiro foi um casal ruidoso, alegre, que se instalou espalha-

OGO que entrei na carruagem, reparei no aspéto d'esses dois velhos. Ambos pequenos, com esse ar de candura e timidez que dá o habito da concentração, encolhiam-se a um canto do com-

fatosamente a meu lado. Durante cinco minutos

desabou sobre o compartimento, nas redes, no chão, debaixo dos bancos, na estreita passagem do corredor da carruagem, junto da porta, uma multidão de volumes: caixas de chapéus, dois fofinhos espertos de cadela dentro de um cesto de verga, malas, malinhas, pacotes, casacos, ramos de flores, jornaes — e, oculta n'um papel de seda, uma gaiola pequenina com dois passaros exóticos e semsaborões. Tinham o ar de uma familia que muda de casa: ela, com um largo «canotier» de palha, luzindo toda em fitas, em sorrisos, em expansões; ele, espremido dentro de um fato claro, um «bonet» claro, uns olhos azul claro. Entraram e instalaram-se, saltando quasi por cima dos velhotes para irem á janela falar com uma fila de pessoas conhecidas — e era um nunca acabar:

— Adeus, Lilete! Dá um beijinho na «Fisinha».

— Olha! Não te esqueças! «Souvenirs» á D. Julia!

— «Adieu, chérie!»

— Escreve. Grande Hotel. «A' bientôt!»

Deante d'aquela tumulto que se precipitava, que abalava toda a carruagem, que abatia sobre nós, os dois velhos tiveram um gesto de constrangimento. Depois, entrou um padre, de oculos, pezado, córado, quasi obeso. E fóra, no corredor, procurando outro compartimento, uma risada fresca de creanças passou, n'uma revoada, com uma mestra ingleza e um sujeito calvo e grave.

O comboio ia partir. A «gare» enchia-se do movimento apressado dos retardatários. Nas carretas de mão corriam as ultimas malas e trocavam-se ás portinholas as ultimas despedidas. O casal



espalhafatoso sentou-se. O padre pousou o seu macio côco preto e enfiou lentamente um barrete lustroso de seda. E foi só então que, de restolhada, uma família de cinco pessoas pretendeu tomar os últimos logares vagos do nosso compartimento. O padre, os meus visinhos, eu— todos abrimos lugar á invasão. Todos se sentaram; apenas um rapazote novo ficou de pé e, vendo ao lado da velha aquela caixa comprida que ocupava quasi o espaço de uma pessoa, dispoz-se, muito cautelosamente, a transportar o embrulho para outra parte e a ocupar ele o espaço vazio. Diante d'esse movimento a velhota soltou um grito tremulo e a expressão dos dois velhos transtornou-se. Quasi com ferocidade a terna creaturinha do mantelete arrancou a caixa das

mais de encontro ao braço do marido, cujas mãos também tremiam.

E assim fez toda a viagem. Dentro em pouco o casal das fitas, das despedidas e das cadêlinhas levantou-se e foi para o «restaurant»; em Santarem a família das cinco pessoas apeou-se. A velhota teve novamente espaço para colocar a caixa sobre o estofo. Mas não quiz. E com o precioso embrulho sobre os joelhos, seguiu toda a jornada, silenciosamente— sempre muito junto do seu companheiro que, de vez em quando, a acariciava brandamente na mão palida e enrugada, como um pergaminho.

Instalámo-nos no mesmo hotel de termas.

O acaso quiz que o meu quarto ficasse separado do dos velhos apenas por dois outros quartos. Mas raramente os via. Apenas á hora de tomar as aguas, á tarde, os dois saíam do quarto e vagarosamente desciam á alameda das fontes. Ela, sempre de mantelete preto, levava o seu copinho embaciado, tomava a agua e seguia. Duas ou tres vezes os vi recolher ao quarto, de onde não mais saíam durante o dia, porque nunca soube que descessem á sala de jantar, pelo menos ás horas das



mãos do importuno e, vendo que não havia outro remedio, que era preciso dar lugar ao novo passageiro, colocou-a carinhosamente, apressadamente, sofregamente sobre o colo e apertou-se

refeições dos outros hospedes. E d'essas duas ou tres vezes, notei que ele trazia na mão um ramo de flores colhidas no parque.

Uma tarde em que atravessava o corredor á pres-

sa, vi aberta a porta dos aposentos dos meus dois companheiros de jornada. O vento abria-a, naturalmente, de surpresa. Olhei com curiosidade para dentro — e vi a velhita de costas, sentada n'uma cadeira, toda debruçada sobre uma poltrona, onde me pareceu notar a mancha côr de rosa de um vestido de creança. Ao lado, no chão, a misteriosa caixa da viagem estava aberta, mostrando apenas, dentro, aos cantos, uns pedaços brancos de papel de seda. Sobre a poltrona, que o vulto da velha me encobria, espalhavam-se algumas flores e folhagens ainda húmidas da terra.

No dia seguinte, de manhã, interroguei a criada do hotel. E foi ela que me disse que os dois hóspedes misteriosos não deixavam entrar quasi ninguém no quarto. Era a senhora quem arrumava a roupa, limpava, fazia quasi todos os arranjos. E, junto da cama, sobre uma poltrona ou uma cadeira, lá estava, sempre fechada, a comprida caixa em que dir-se ía haver um brinquedo de «bébé».

Uma bela manhã abalaram do hotel. A senhora sentira-se mais doente, tivera medo de peorar — e partiram, sempre com a mesma bagagem e a

mesma ternura de sombras. Foi quando lhes soube o nome — mas só ha pouco dias, quando tive a noticia da morte da velhita, é que soube a historia comovente dos meus dois misteriosos companheiros.

Ele era guarda-livros d'uma grande casa de commercio. Tinham casado por amor — um amor burguez, sereno, terno, que lhes dera duas filhas, com diferença apenas de um ano de idade. Durante sete anos, as duas pequenitas encheram de risos e de graça aquelas existencias calmas. A's tardes, ele sentava-as nos joelhos e imitava o longo resfolegar dos comboios, o roçar das carruagens, o silvo das maquinas, o bulicio das estações. E, todas as manhãs, antes de sair para o escritorio, ia deixar nas duas pequeninas camas um longo beijo de festa.

De repente, n'um inquieto e húmido novembro de chuvas, as duas crianças, quasi a seguir uma á outra, morreram. Os dois ficaram, n'uma manhã, sem filhas. D'elas, da sua alegria de aves e seu gorgear de madrugadas, havia apenas os fatitos curtos e ainda quentes dos corpos que os tinham abandonado —

e meia duzia de brinquedos inuteis, entre os quais a boneca predilêta, muito risonha nas suas bochechas e nas suas saias côr de rosa. Os pobres pais abraçaram essas roupiças claras — e a mãe encontrou-se, n'um momento, cingindo nos braços emagrecidos o «bébé» de pasta e porcelana, companheiro e amor dos seus «bébés» de carne e que, como êles, tambem sabia dizer «papá» e «mamã».

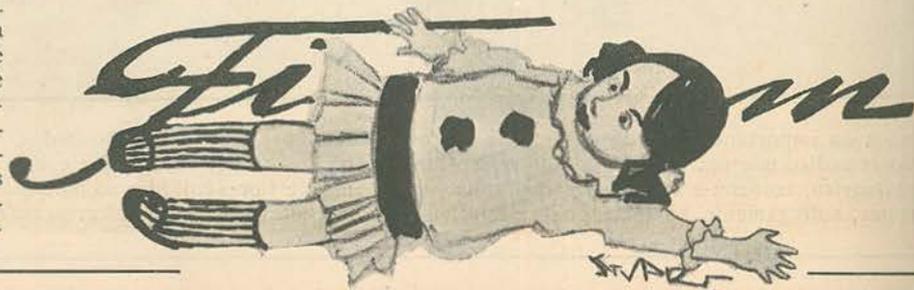
E, desde então, adótaram aquela outra filha. A boneca foi, durante mais de trinta anos, a vida e a alma d'aquela lar triste. A' pobre boneca o pai trazia brinquedos, como a uma criança; enfeitava-a de flores e, como d'antes, levava todos os dias ao berço côr de rosa o seu beijo matinal. E a mãe — como outr'ora as filhas — vestia e despia o monosito sorridente que, sob a pressão das suas mãos, dizia sempre, n'uma vozita esquiva: «mamã»...

«papá». Durante mais de trinta anos, a boneca foi o inseparavel amor d'aquela casal: dormia ao lado d'elles, sentava-se junto d'elles e viajava com eles, na sua caixa esguia e tranquila. Conservavam misteriosamente aquele afêto cheio de poesia — e, ás tardes, quem os visse, fechados n'um quarto cercado de

utilisios pequeninos de cosinha, miniaturas de mobilia, cadeiras minúsculas e roupas liliputianas, a afagar e a beijar, chorando ás vezes, a bonequita alegre, di-los-ia duas crianças empoadas e tremulas que brincavam! A boneca era, para os dois, a alma infantil das filhas que Deus levára para si — e, ao mesmo tempo, uma outra filha pequenina que não crescia e não sabia dizer senão as duas palavritas carinhosas de «mamã» e «papá».

Ao morrer, a velhita do mantelete e do chapéusito preto semelhando uma coifa, deixou nos braços do marido, como um tesouro, o corposito esbelto e hirto da boneca. E soube agora que o velhote já pediu que o amortalhassem com a bonequita risonha e amimada — porque, diz ele, quer entrar no Céu muito abraçado a ela, para a entregar ás filhas, quando as fôr beijar.

AUGUSTO DE CAST. O.





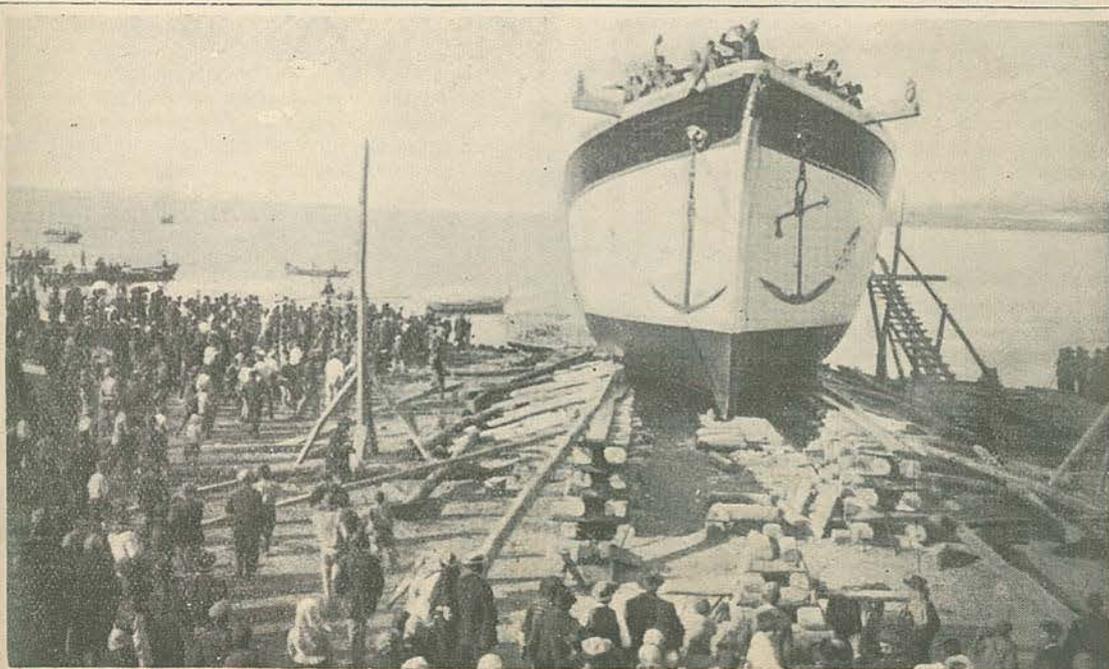
Os srs. J. Rugeroni, Pinto Bastos e o coronel sr. Tomas Birch, ministro da America.—(Cliché Benoliel).



**Viajantes ilustres.** No vapor *Patrie* que partiu de Lisboa para New York no dia 2 de novembro seguiu com sua esposa o ilustre ministro da America em Lisboa, coronel sr. Tomaz H. Birch, que vão ali passar o natal com sua familia e dos quaes se foram despedir muitos membros do corpo diplomatico. Acompanhado de sua esposa seguiu tambem no *Patrie* o nosso amigo sr. J. G. Rugeroni, inteligente, ativo e acreditado negociante da firma Rugeroni & Rugeroni L.<sup>da</sup>, tendo ambos uma despedida afetuosa de muitas pessoas que os foram cumprimentar a bordo. No mesmo vapor seguiu com sua esposa e filhas o sr. Harry Hunt Robinson, grande industrial e presidente da *Kelly-Springfield Motor Truck Company*.

O sr. visconde de Carnaxide, autor do livro - *Questões juridicas da guerra e da paz*, no qual revela um alto espirito e grande erudição.

O ilustre lente da Universidade de Lisboa, sr. dr. José Maria Rodrigues, autor do livro - *Algumas observações a uma edição comentada dos Luziadas* -, e de muito outros estudos de grande valor.



Em Fão:—Lançamento ao mar do lugre *Vencedor*, propriedade da Parceria Maritima Douro, construído pelo sr. Barra Junior. Cortou o cabo o 2.º tenente da armada sr. Gabriel Ferreira.—(Cliché do sr. P. Viana).



O sr. José de Matos Cid, general de divisão reformado, falecido em Vizeu. Contava 77 anos de idade

**França Borges.** — Em um sanatório de Davos-Platz, na Suíça, faleceu o sr. França Borges, que para ali tinha ido para se curar da tuberculose de que ha muito sofria. O falecido era diretor do «Mundo» e um dos republicanos que mais se distinguiram

na propaganda ativa que o seu partido manteve antes da proclamação da Republica. Era um jornalista de rara ener-



O sr. França Borges

gia e pelos seus ataques profundos ao regimen, que caiu no dia 5 de outubro de 1910, esteve duas vezes preso, tendo o seu jornal sofrido inumeras suspensões e sendo perseguido especialmente pelo antigo juiz de instrução criminal. A sua morte foi muito sentida pelos seus amigos e correligionarios. A sua familia e aos seus companheiros do «Mundo» os nossos sentimentos.



O sr. Antonio Augusto de Figueiredo, capitão de engenharia e lente da Escola de Guerra, falecido em Lisboa



O edificio da redação do *Cineo de Outubro*, na Regoa, na rua dos Camilos, ornamentado por ocasião de uma festa que ali se realisou

(Clichê do distinto fotografo amator sr. Antonio José Rodrigues).



A sr.ª D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro 7

Causou profundo sentimento a morte da sr.ª D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro, pintora muito distinta e senhora dos mais apreciaveis dotes pessoas. Educada no meio artistico de sua familia produziu quadros que a nobilitaram, entre os quaes citaremos os *Malvaiscos*, que figuraram na exposição industrial de Lisboa de 1888.

Pelos seus meritos incontestaveis a ilustre senhora foi nomeada diretora da escola industrial de Peniche, onde se demorou dois anos, estudando profundamente e ensinando com a maior eficacia ás suas alunas os trabalhos das conhecidas rendas de bilros que rivalisam com as melhores de Chantilly e ás quaes applicou motivos novos e nacionaes, o que lhe valeu ser galaradoada com a medalha de ouro na exposição de Paris de 1889, além de outras recompensas em toda a parte a que concorreu com os seus mimos artisticos.

A toda a familia, e especialmente a seu sobrinho o nosso querido amigo e colaborador sr. Manuel Gustavo, os nossos sentimentos sinceros.



O sr. Abel das Neves Eliseu, distinto compositor musical e autor de apreciadissimas canções populares, falecido em Coimbra

A sr.ª D. Mariana Mexedo Guerra, esposa do sr. José Antonio Guerra, proprietario e capitãlista em Escalhão, onde faleceu

**Carlos Alberto Pinto**, oficial chefe da reparação dos talhos municipaes de Lisboa, falecido n'esta cidade, pertencia a uma das nossas familias mais distincta, e foi sempre um funcionario digno de louvor pela sua intelligencia, zelo e probidade. Era irmão dos srs. Caetano Pinto, insigne reitor do Lyceu Maria Pia, Amílcar Pinto, distinto capitão d artilharia, e Ernesto Pinto, importante commerciante da praça de Lisboa. A sua perda foi geralmente sentida e o seu funeral uma imponente homenagem de saudade e de respeito.



Sr. Carlos A. Pinto      D. Albertina Rosario, falecida em Alcaçovas      Sr. J. C. B. Vasconcelos

**José Emilio Castello Branco de Vasconcelos**, filho do sr. dr. Estevão de Vasconcelos, illustre administrador geral da Caixa Geral de Depósitos e antigo ministro do fomento, era um estudante muito intelligente e distinto do 3.º ano dos liceus. Vittimou-o uma lesão cardiaca. Apesar de já doente, ainda se revelara o rapaz, que sempre fôra, vivo, alegre e cheio de espirito. Todos os seus condiscipulos estimavam-no deveras, e muitos choravam por elle lagrimas sentidas, como ainda as choram seus estremosos paes e irmãos.

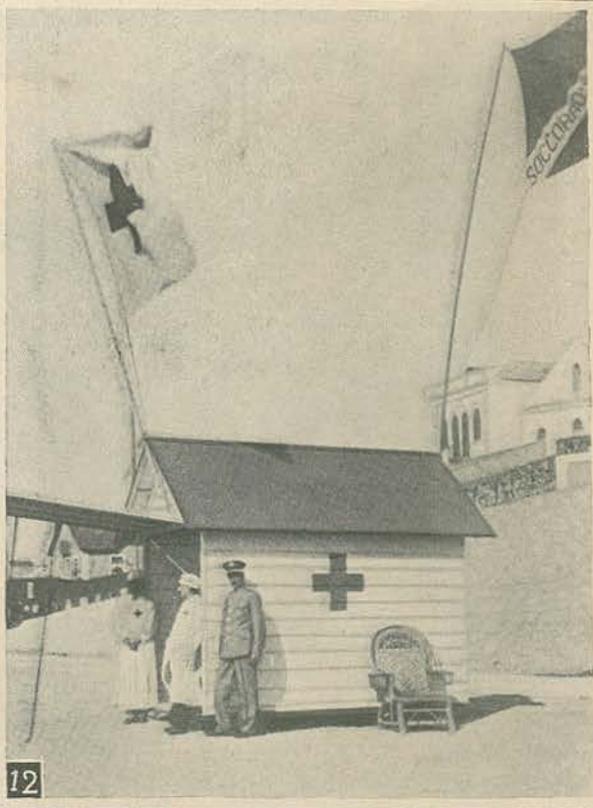


3. O sr. dr. Bernardo Nunes Garcia, juiz da Relação de Lisboa e senador, falecido no hospital de S. José.—5. O sr. Francisco M. Mira falecido em Lisboa.—6. O sr. Manuel Luiz Macedo, commerciante da nossa praça, falecido ha dias.—7. O sr. Francisco da Concelção Ramos Sertá, antigo commerciante e devotado republicano, ha dias

falecido em Lisboa. Era pae do sr. Alexandre Sertá, zeloso e intelligente empregado da administração do «Seculo».—8. O sr. Bernardo da Silveira Lorena, empregado publico, falecido em Rio de Molinhos.—9. O sr. F. de B. Palma, professor, falecido em Beja.—10. O sr. dr. J. M. R. Garrana, medico falecido, em Lisboa.



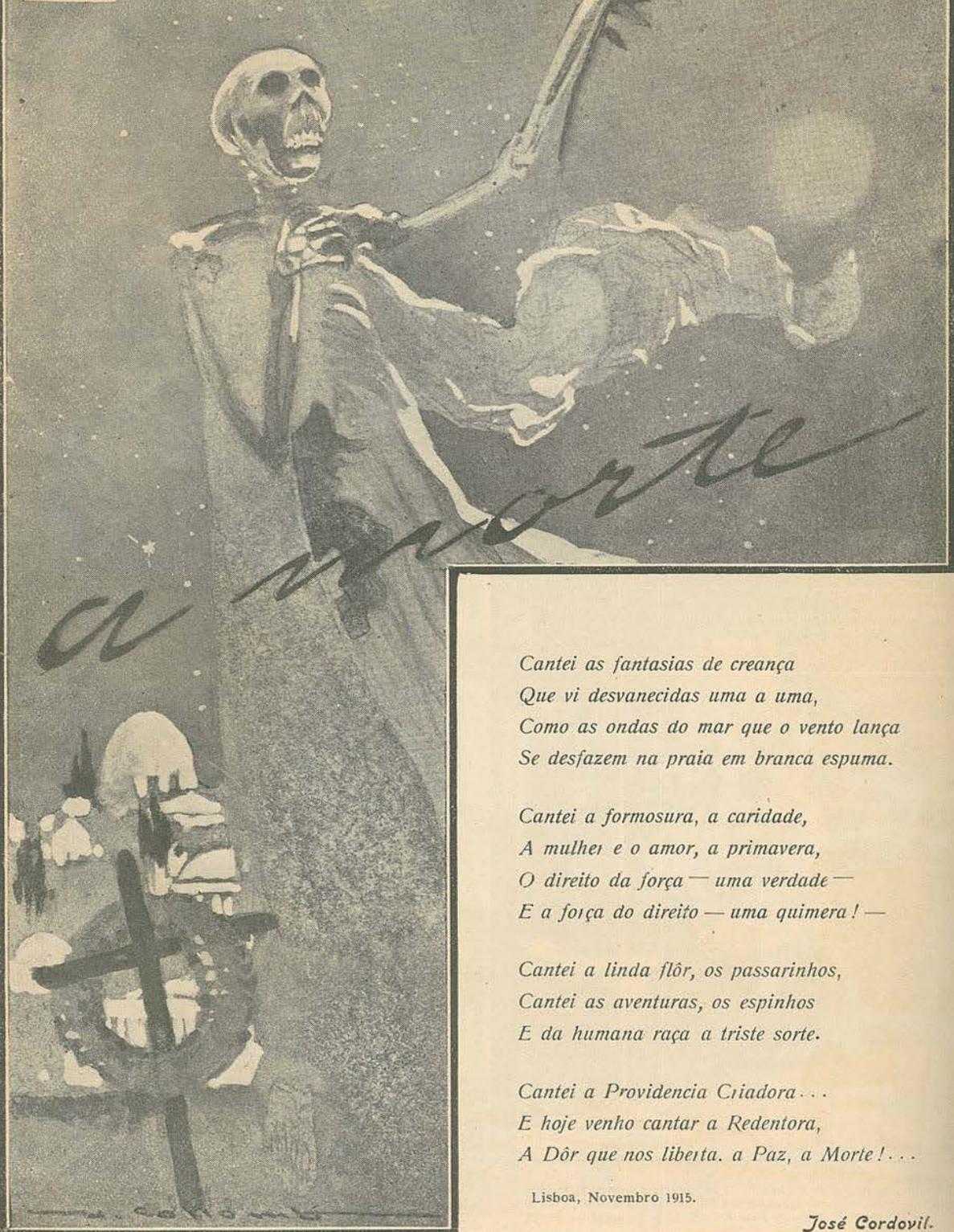
Interior do posto de socorros. O enfermeiro instrutor sr. Antonio da Silva Cabral fazendo um curativo, auxiliado pelos srs. Manuel Alberto Reis e Carlos da Assunção.



O posto de socorros que funcionou diariamente na praia de banhos da Figueira da Foz durante a epoca balnear, no qual se fizeram algumas centenas de curativos.

Delegação da Cruz Vermelha da Figueira da Foz — A benemerita Sociedade da Cruz Vermelha tem espalhadas pelo paiz 25 ambulancias militarmente organi-

sadas, sendo a mais moderna a da Figueira da Foz, que já este ano, na epoca balnear, preestou ali assinalados serviços.



*Cantei as fantasias de creança  
Que vi desvanecidas uma a uma,  
Como as ondas do mar que o vento lança  
Se desfazem na praia em branca espuma.*

*Cantei a formosura, a caridade,  
A mulher e o amor, a primavera,  
O direito da força — uma verdade —  
E a força do direito — uma quimera! —*

*Cantei a linda flôr, os passarinhos,  
Cantei as aventuras, os espinhos  
E da humana raça a triste sorte.*

*Cantei a Providencia Criadora...  
E hoje venho cantar a Redentora,  
A Dôr que nos liberta. a Paz, a Morte!...*

Lisboa, Novembro 1915.

*José Cordovil.*

# Ô VELHÔ MUNDO EM GUERRA

A' hora a que escrevemos ainda não está resolvida a crise ministerial grega determinada por uma votação parlamentar bastante significativa para a attitude do povo grego perante o conflito internacional. O sr. Zaimis e o seu governo levaram um cheque previsto e bem merecido pela fôrma dubia por que conduziam a politica internacional. Quan-

do se esperava que a Grecia, por todas as suas boas relações oom a Quadrupla Entente, e principalmente com a França, ia entrar na luta contra a Alemanha e os seus aliados, começou ella exactamente a retrair-se.

Semelhante situação não podia prolongar-se e o que lhe precipitou em grande parte o desfecho foi, sem duvida, a organização do mi-



O general Serrail, comandante das tropas franco-inglezas na Servia

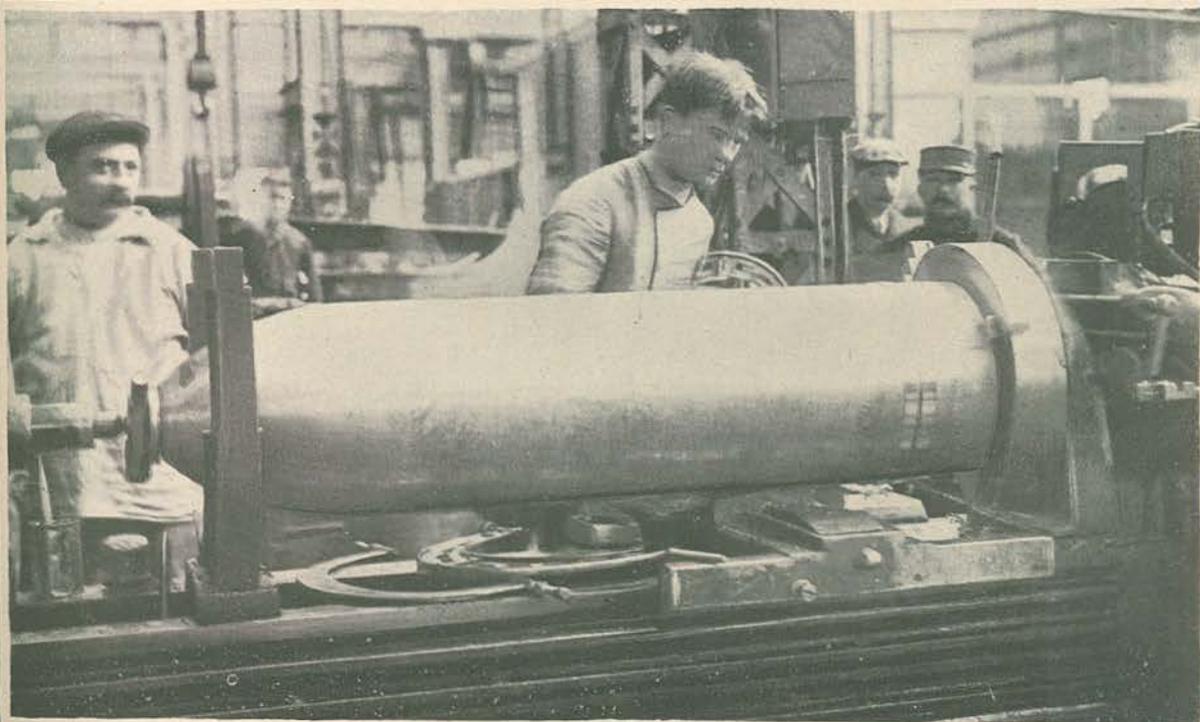


Mr. Albert Tomas, ministro das munições em França—(Cliché Excelsior)



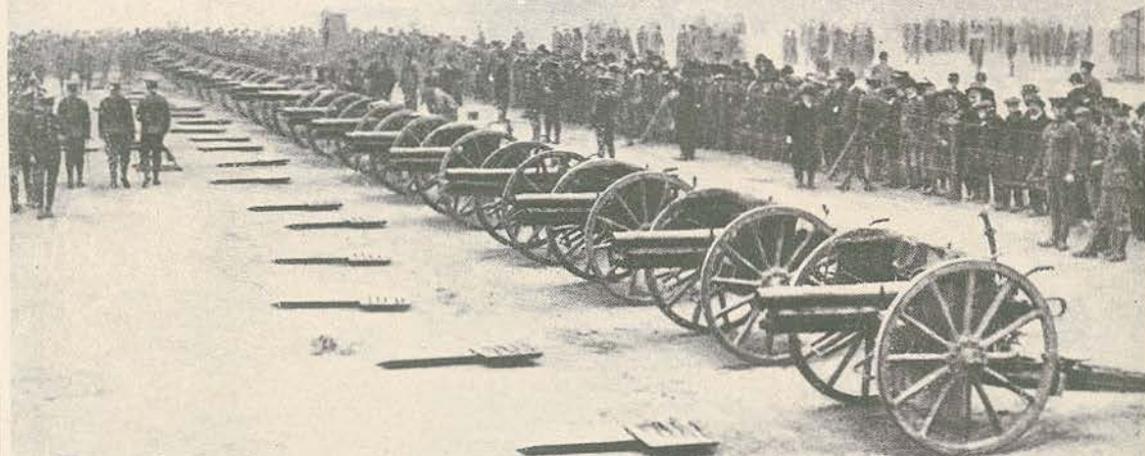
O general Gallieni, ministro da guerra francez

nisterio francez sob a presidencia de mr. Briand, em cujo alto criterio politico e diplo-



Afinação de um obuz de grosso calibre

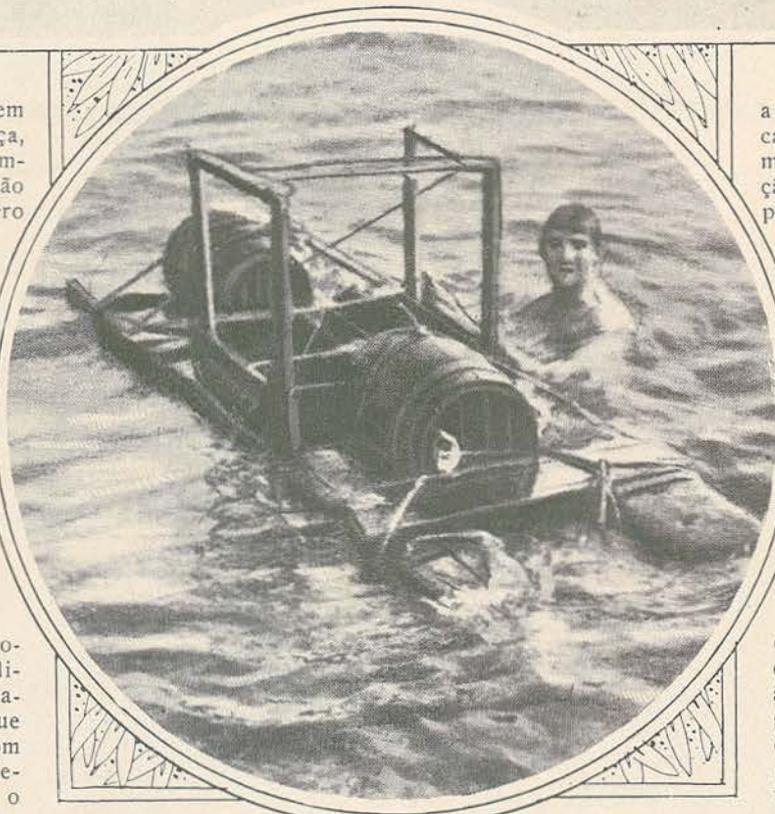
(Cliché Excelsior).



matico a Grecia tem a maior confiança, recordando-se sempre com gratidão do interesse sincero que o ilustre estadista lhe testemunhou durante as negociações que houve entre o governo francez e o grego por intermedio do principe Jorge em março e abril d'este ano.

Fala-se no regresso ao poder do sr. Veniselos, esse notavel homem publico de extraordinario prestigio, que soube sempre com sagacidade e elevação evitar que o seu paiz se enredasse. talvez mortalmente, nos laços que por todos os

modos lhe procuravam armar a astucia e a intriga alemãs. Não tendo sido possivel por motivos de ordem militar realizar



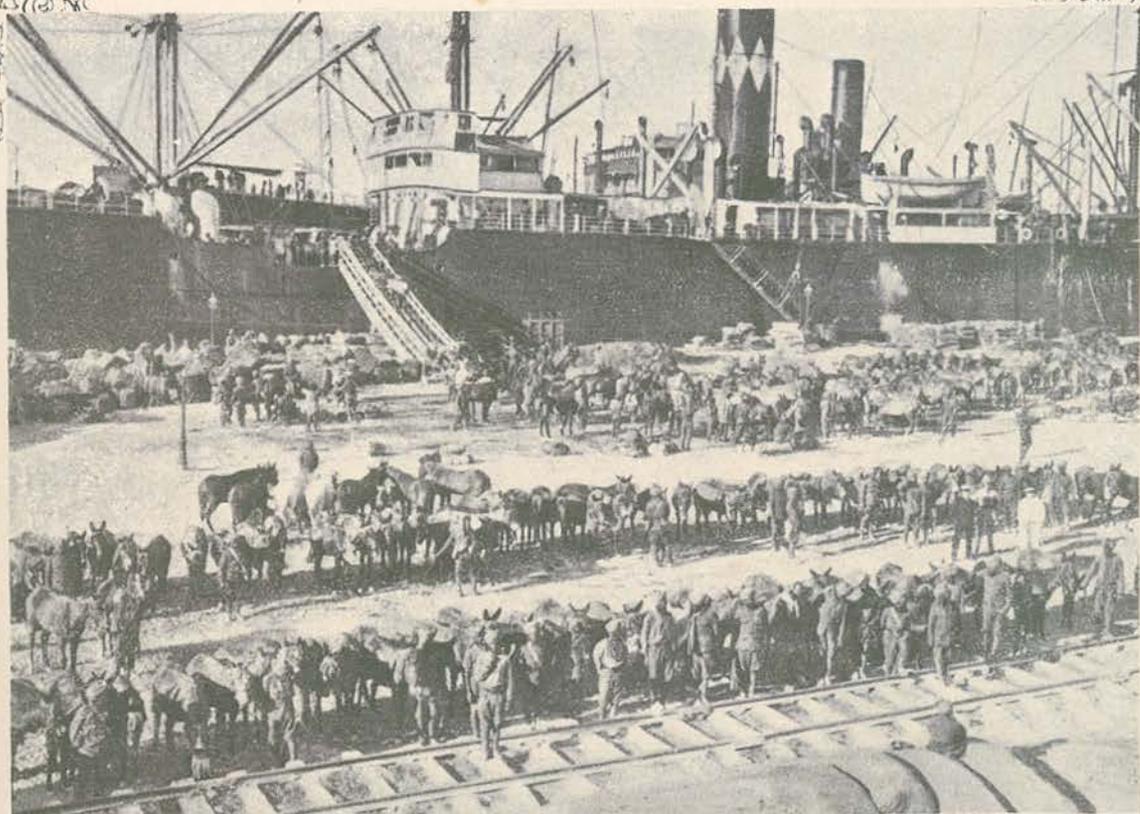
1. Exibição em Londres dos ultimos trofeus tomados pelos inglezes aos alemães na batalha de Artois e Champagne—2. O tenente inglez Guy d'Orly Hugues, partindo de um submarino, leva a nado adiante de si o necessario para fazer saltar um viaduto do caminho de ferro nos Dardanellos—(The Illustrated London News)

a expedição balkanica, em que pensára mr. Briand, expedição que tinha apenas por fim atravessar a

Grecia para combater a Austria, o sr. Veniselos decidiu então oferecer, pelo menos e n'aquele momento oportuno, uma divisão e o apoio da esquadra grega aos aliados. O rei Constantino, tendo talvez no fundo o desejo de se opôr formalmente a esta decisão, significou apenas o desejo de se esperar mais algum tempo. O presidente do ministerio compreendeu bem tudo e demittiu-se.

Se fôr

pois o sr. Veniselos que succeder ao sr. Zaimis, a Grecia estará finalmente com os aliados e não tardará que invista com a Bulgaria.



*Expedição franco-inglesa partindo para Salonica.*—1. O embarque dos expedicionarios indianos na Alexandria.  
2. Um transporte com tropas inglesas a caminho de Salonica.

(Clichés Central-News).



*Em Salonica.*—Desembarque das tropas inglesas que vão auxiliar os servios contra a invasão alemã e bulgara

(Da *Illustrated London News*).



*Ataque bulgaro contra a Servia. — Uma coluna de infantaria bulgara marchando sobre a fronteira da Servia  
(Cliché Branger).*



*Transporte de feridos na linha de batalha italiana.*

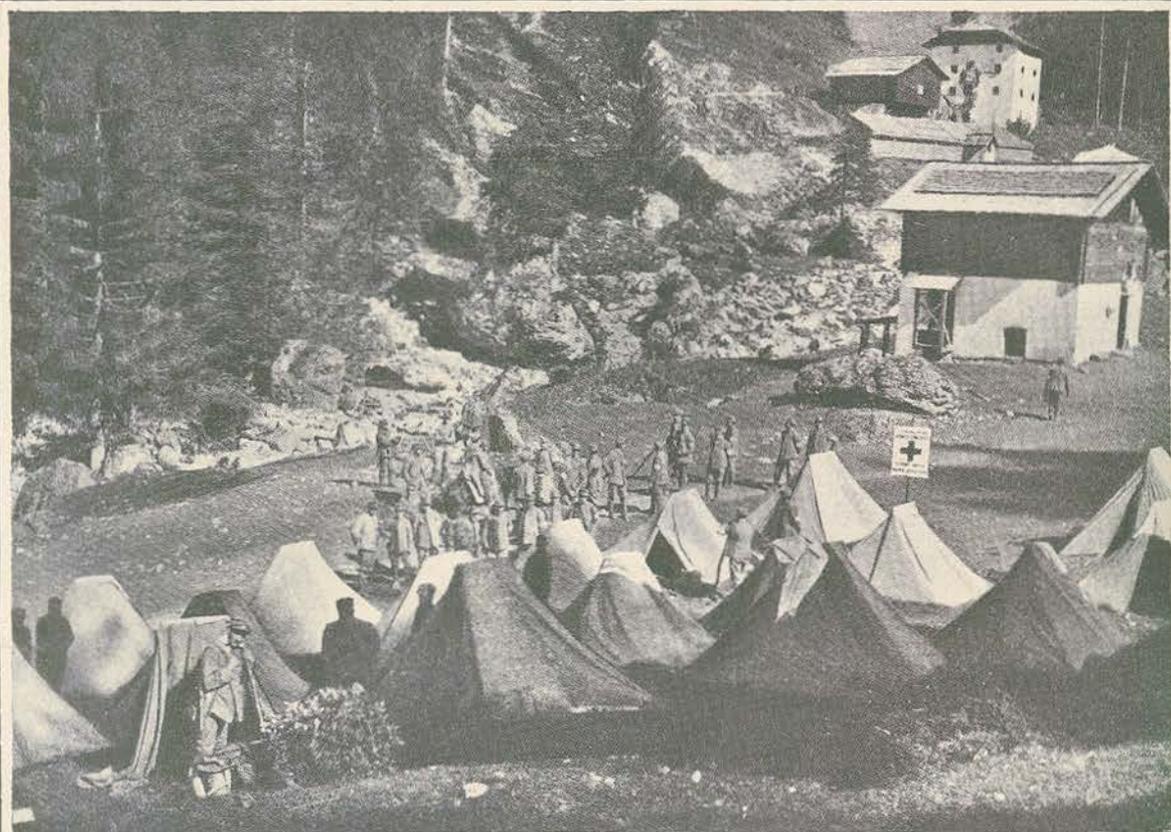


*A entrega de uma medalha de prata a um soldado que cegou na linha de fogo.*



Funeral de um heroe na zona de guerra italiana

(Cliché Conti).



Acampamento da Cruz Vermelha italiana na vertente do monte Lana

(Cliché A. Bragaglia).

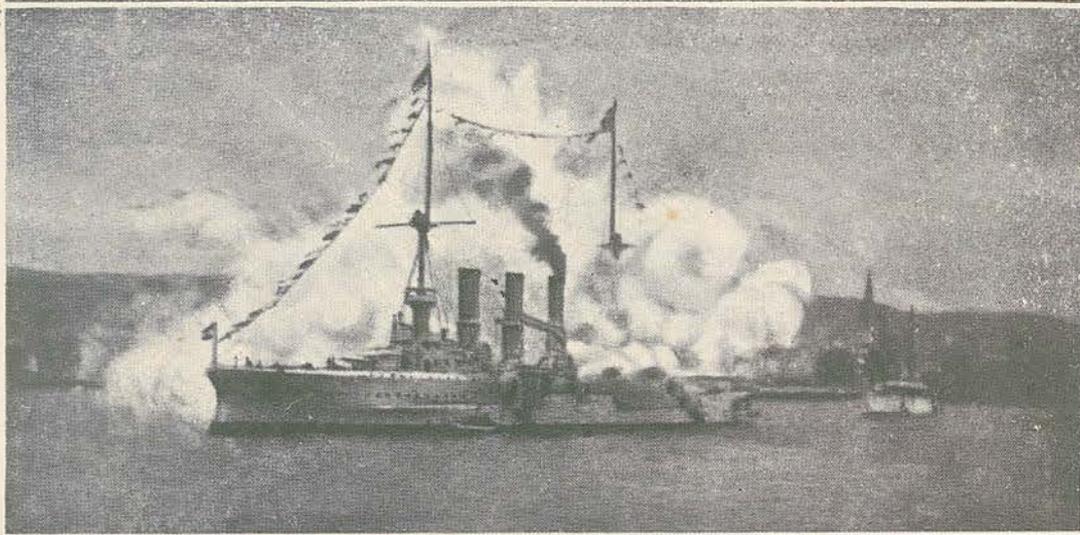


Cs alpins italianos com uma metralhadora no alto de um monte esperando o inimigo  
(Fotografia de Albert Tei, da *Ilus'razione Italiana*).

*Um combate que mais parece diabos do que de soldados*



As tropas britânicas mascaradas contra os gases, o que dá aos soldados o aspeto, mais diabos, de familiares da Inquisição, atacam os alemães com bombas e à baioneta.



O cruzador alemão *prinz Adalbert* metido a pique por um submarinho inglês na bahia de Libau.



Regimento reentrando em Alourmelou-le-Petit depois da entrega da Cruz de Guerra

(Cliché Excelsior).



Um ponto de observação da artilharia italiana sobre o monte Sabatino.—(Fotografia de E. G., da *Illustrazione Italiana*).



### Sacrificio voluntario da vida

Um punhado valente de russos decidiu-se a atravessar uma emaranhada rede de arame farpado que os separava do inimigo. Investem rudemente com ela, conseguindo alguns passar os primeiros fios.

O inimigo descobre-os e a metralha começa a cair sobre eles, matando-os a todos na posição da investida sem que um só fizesse a menor menção de recuar.

(Da *Illustrated London News*).



*Nos Vosges.* — O imperador Guilherme em companhia de seu filho passando revista às tropas.

(Cliché Branger).



*Na Servia.* — Um comboio de munições e viveres acampado nos arredores de Nich

(Cliché Branger).



Trecho interessante da linha de fogo em França, vendo-se a colonia dos cães de guerra, ensinados para o serviço dos ambulancias e para procurarem os feridos depois da batalha. latindo de uma f.rma especial quando os encontram.—(The Illustrated London News).



*Sala do palácio Dória.* — Um grupo de senhoras da primeira sociedade italiana trabalhando em varios artigos para os feridos da guerra.



*Casamento de dois soldados cegos no campo de batalha.* — Na *mairie* do 12.º *arrondissement* de Paris realisou-se o casamento de dois soldados que cegaram nos campos de batalha. Um, George Artel, esposou mademoiselle Emilie Margerie, e o outro, Joseph Amor, consorciou-se com mademoiselle Madelaine Rcusseau. Esta fotografia foi tirada na ocasião em que o *maitre* proclamou a união dos dois heroes ás suas queridas companheiras.

(Cliché Branger).



**Casamento elegante:**—No palacio de Belem, realison-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Machado, filha do sr. Presidente da Republica, com o sr. Juliano Cayvalho, 2.<sup>o</sup> tenente da armada, servindo de padrinhos por parte da noiva seus paes e por parte do noivo os ars. Antonio Arvojo e dr. Carlos de Melo.

(Ulchê Benotiel),

# AGUAS DE SONHO

Agua de sonho!... onde as encontramos nós?... Eil-as, na ria de Aveiro, na ria e campo de linavo.

Aveiro—um jardim de rosas todo florido, suspenso na agua, uma fotominiatura de Veneza, toda muito airosa e genti! como o olhar amoroso das suas formosas tricanas.

Ilhavo — mais modesto, um ramo de frescos e perfumados lilazes a refletirem-se n'um sorriso de luz e de beleza sobre fios liquifeitos de prata, levados de azenhas, regueiras, lagos e rios a entrecruzarem-se aqui e ali, pavimentando labirintos geometricos de terra, até alcançarem as margens do oceano para onde correm.

A origem mae das aguas da ria é o Vouga, que em vez de desaguar diretamente no Atlantico, no receio justo de abrutamente, repentinamente, misturar com as aguas revoltas do mar as suas aguas de sonho, quiz muito áquem d'ele, espriar-se n'um retorno de amor, concentrar-se n'um imenso estuario, como n'um tálamo de paz, para ali contemplar uma sintese de toda a poesia que se prende á sua corrente desde as longinquas escarpas onde nasceu—a serra da Lapa.

O Vouga, formando a bacia imponente da sua ria n'essa segunda fôrma caprichosa e original de espalhar as suas aguas sobre a terra, parece ter a intuição de assim proceder, para muito em socego vêr desenrola-

dos em curvas graciosas de paisagens, entre macissos de verdura luxuriante das suas ilhas, o rastejar sereno e dolente de toda a sua beleza, a nota vergiliana do seu bucolismo.

A ria é como um regaço do Vouga, regaço enorme de muitos kilometros de comprimento, de muitos kilometros de largura, onde o rio, como n'uma ultima religiosa evocação de todo o seu viver, faz a pausa risonha da sua existencia, espreguiçando-se n'um beijo de agua—beijo que os labios do oceano por sua vez recebem coado no sonho de poesia que aureolisa a extensão d'aquelas aguas.



Barriquinhas de ovos moles... São servidos?  
(Desenho do sr. H. Lopes)

Agua do Vouga... agua de sonho!... fadadas foram decerto para crear flores.

Flores e pão!

Se duvidam, ouçamol-o um momento, ao apagam-se no ceu as ultimas estrelas da noite, aos primeiros alvôres da madrugada:

—Sou o Vouga... desentranho-me dos abismos do solo, além, muito além, e na minha origem, a terra para abrir meu curso rasga-se, fende-se e dá-me á luz n'um amoroso osculo de sonho; ergue-me do seu seio n'uma unção de caricias, iniciando-me nos destinos da minha vida, ciciando n'esse beijo gerador da minha existencia um poema de amor e de paz!

O amor e a paz são os germens fecundantes



Terminus da ria de Aveiro



A agua que faz o pão

tes do meu ser! Enlaço-os hora a hora, n'este transcorrer de energia com que a minha corrente de aguas percorre a terra até alcançar o mar.

Enlaço-os no influxo do olhar pensativo do lavrador quando ele abre o desvio d'um rego no meu curso e me embebe na leiva soffrega e sedenta da sua seara.

Então segredo-lhe: sou o amor, sou a paz... é como quem te diz: crio flores, produzo pão!

O lavrador ouve-me e estende a mão sobre as minhas aguas, como n'um gesto liturgico para as abençoar.

Pressinto aqui e ali, ao longo das minhas margens o aço poido da charrua, sulcando planicies ribeirinhas. Infilto-me, então, pelo sub-solo, n'uma forma já diversa da agua, mas humidade ainda para sob a minha presença ali, mais facil se tornar o esboço do solo.

E sigo... sigo uma e outra charrua nos seus sulcos de abrir esperanças, nos meus anseios de florir a terra inteira. Mais além, n'uma inflexão tortuosa da minha corrente, origino o desvio de uma pena de agua.

Vae n'ela a expressão mais candida da minha razão de existir — o exemplo frisante que patenteia o meu desejo de socialisar o bem, de a todos dar o premio do trabalho terreno — pão de cada dia.

Essa pena de agua vae acionar turbinas, engenhos, rodas de azenha, depois de cujo contacto cada molecula se solta, ergue-se ao ceu n'uma perola de espuma, brilha no espaço, doira-se de sol, irisa-se n'uma benção de luz tendo originado com a sua infima pequenez a chuva amorosa da farinha caindo no interior da azenha para fazer o pão — o simbolo do homem, para se tornar, ás vezes, ma hostia sacrosanta do altar — o simbolo da divindade.



A ria no coração da cidade

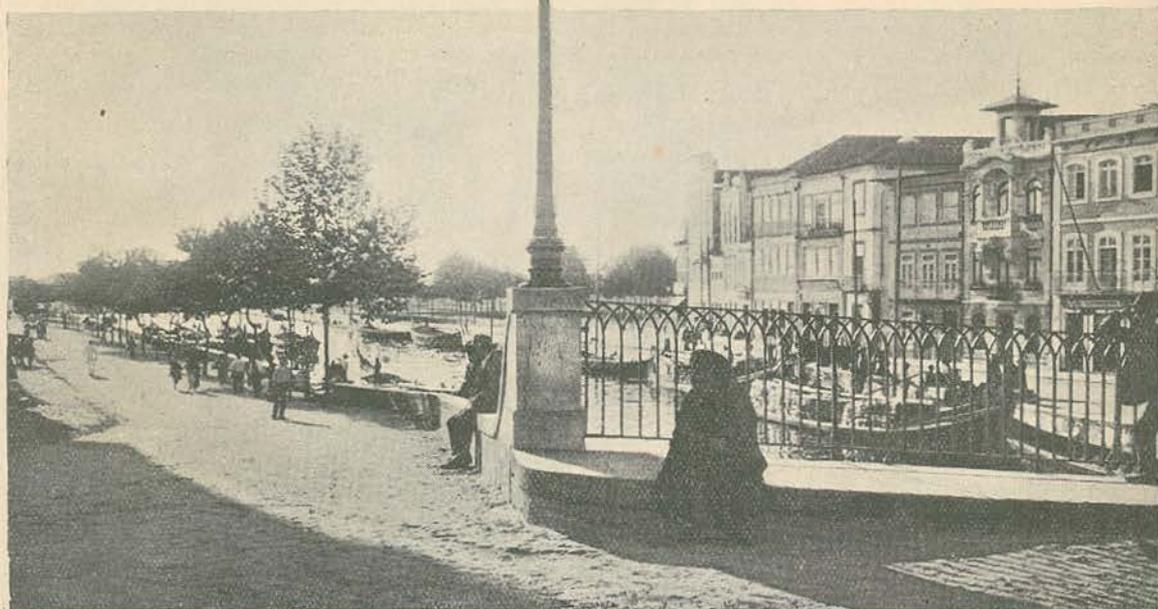
característico especial.

E' lindissimo o canal das Pirâmides que fórma as portas da entrada da ria na cidade, o unico onde a brisa perfumada do iodo marinho mais en-crespa o ondear calmo da corrente.

O canal de S. Roque apresenta uma linha de considerável extensão, de muito valor industrial pelo tráfego de embarque de sal e peixe, produtos originários das centenas de marinhas e viveiros da ria, e que só por si

e de côr tudo quanto rodeia essa avenida liquifeita.

Essa formosura e essa graça até se denotam no garganteio suave da tricana que passa, cantando o seu falar, ali Entre Pontes, nos Arcos, onde para de-



Uma das pontes da cidade sobre a ria

constituem uma grande fonte de riqueza de Aveiro e lhavo.

Finalmente o grande canal fórma por assim dizer o Chiado da Veneza lusitana. Passa pelo coração da cidade, imprimindo-lhe um verdadeiro cunho de formosura e de graça, pois que os reflexos macios da água avivam e enquadram n'um suave matiz de luz

licia não só dos ouvidos, mas também do olfato, se pressente o cheiro dos ovos moles a desafiar o nosso apetite e a nossa guloseima!..

As palavras do Vouga... as suas águas de sonho fazem decerto sonhar nos ovos moles...

São servidos?....

Antonio Maria Lopes



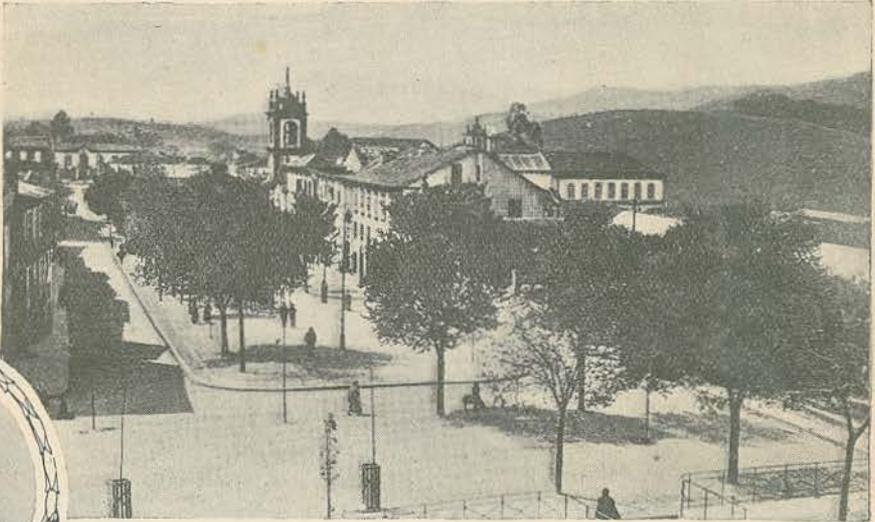
Atravessando o Vouga—(Clichés do autor)

# Vila Real — Traz-os-Montes

Vila Real, capital de Traz-os-Montes, «a mais linda das vilas», como lhe chamava a cantiga popular, esforça-se persistentemente por não perder direito ao privilegio conferido pela tradição. Muito melhorada com o bairro da «Raposeira», visinho da estação do Caminho de Ferro, não passa um dia que não procure realizar novos melhoramentos.

O ultimo é o da aquisição do extinto collegio de Nossa Senhora do Rosario — fundado pelo grande benemerito trazmontano Mgr. Jeronimo d'Amaral — para instalação do Hospital da Misericordia. E' um

do Municipio vilarealense, instalou no antigo edificio da Misericordia, um belo palacete seculo XVIII, quasi todas as repartições publicas — a camara, o tribunal, o registo civil, a escola normal, e a esquadra de policia civica. E como se isso não bastasse para a atividade d'um homem, que tanto procura melhorar a sua



edificio moderno, amplo, d'uma construção solida e n'uma situação magnifica — a olhar o Marão, a receber, dia e noite, o ba-

terra, projeta ainda derruir os velhos edificios do tribunal e a camara para prolongar até aos nossos paços do concelho o jardim das Camelias, concluindo assim uma interessante avenida, e municipalisar a luz electrica, e abastecer a vila de excelente agua da serra da Picarreira.



O sr. dr. Augusto Rua sadio das suas vertentes. Alem d'este, o sr. dr. Augusto Rua, provedor do mesmo hospital, presidente

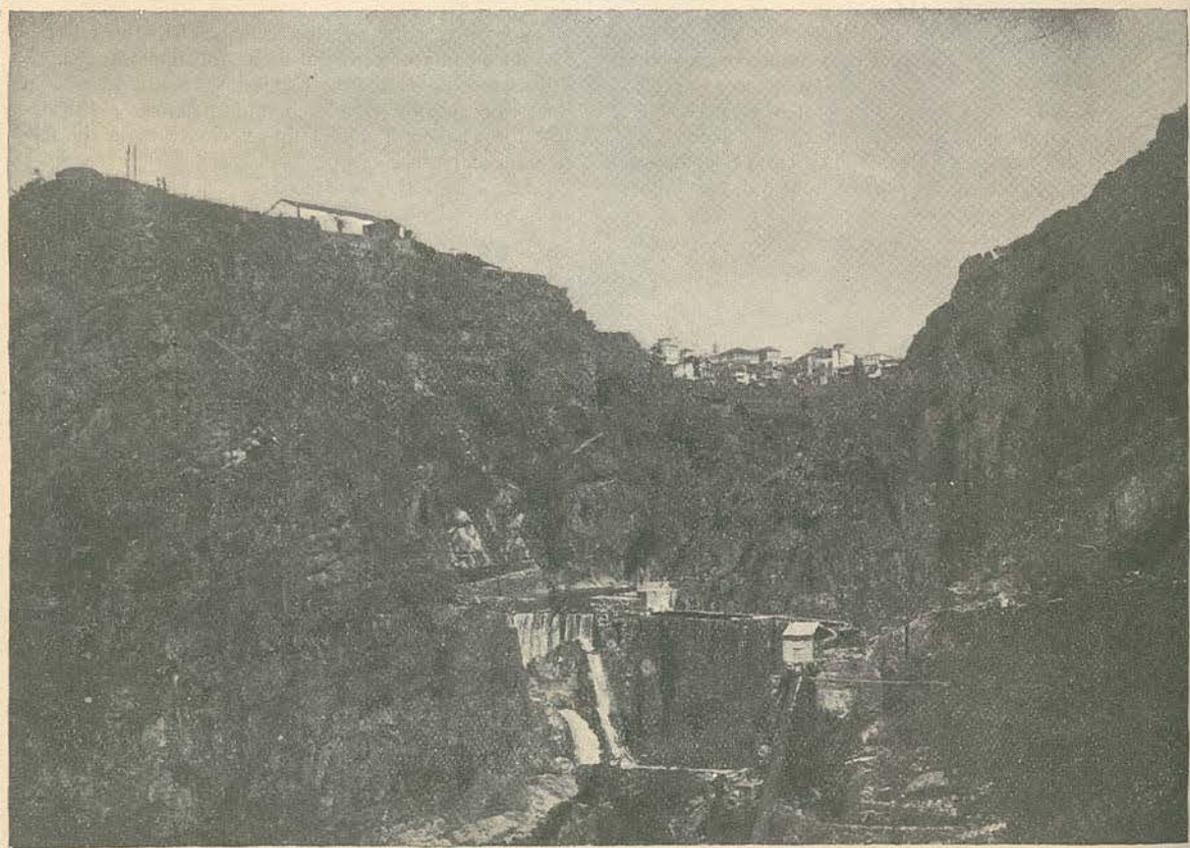


1. Campo e jardins das Camelias, vendo-se ao fundo o novo edificio da Camara Municipal

3. Antiga Misericordia, hoje paços do concelho e tribunal judicial



Novo hospital da Misericordia

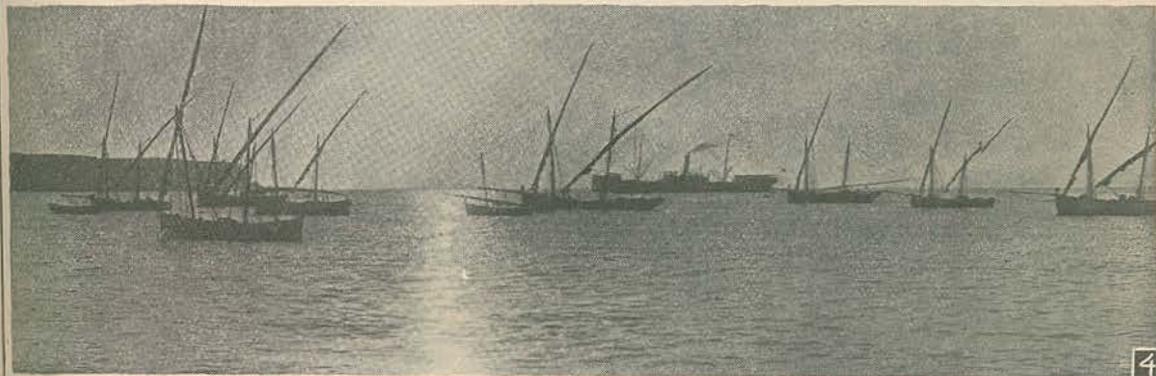
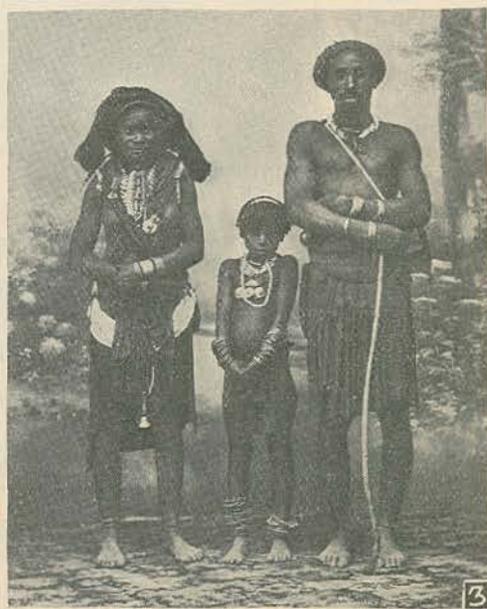


Queda de agua da luz eletrica. No alto vê-se um trecho de Vila Real

# SUL DE ANGOLA

As fotografias que reproduzimos de alguns pontos do Sul da Africa e que na presente ocasião nos vem recordar ainda com mais intenso amor e orgulho as belezas que os alemães nos queriam brutalmente disputar, foram-nos graciosamente enviadas pelo nosso compatriota sr. Augusto Guerreiro, residente em Mossamedes.

Ainda temos outras onde se veem os caminhos percorridos pelas nossas tropas cheias de anciedade quando marchavam com uma bravura heroica a defender a integridade da patria ameaçada pelos despotas que pretendem impôr ao mundo uma civilização retrograda e selvagem.



1. Mossamedes.—Camelos fazendo o transporte de farinhas.—2. A cascata de Huila.—3. Uma familia *mondombe*.  
4. Bahia de Mossamedes.—(Clichés dos fotografos srs. Guerreiro & Pizarro).



O sr. Ludgero Gomes da Silva      O sr. Bernardino Gomes da Silva

## Os vinhos de Colares no Panamá-Pacífico

A grande exposição mundial do Panamá-Pacífico premiou os vinhos portugueses e d'elles seleccionou os vinhos de Colares, prodigalizando pelos vinicultores muitos diplomas, medalhas de ouro e prata, A mais alta e unica dis-

tinção, a d'um Grande Premio, foi, porém, concedida aos vinhos da casa Viuva Gomes, que é a mais importante em produção, exportação e consumo, e cujo movimento equivale em fabrico e compras a quasi metade do que dá a região.

Esta produz 10.000 pipas e d'estas mais de 4.000 pertencem aos afamados vinicultores, cuja fama corre mundo e que se veem sempre diferenciados e honrados com as mais altas e unicas recompensas, porque os seus vinhos ramiscos

constituem o tipo mais perfeito e sempre uniforme dos vinhos da região.

A casa Viuva Gomes foi fundada em 1808 e hoje é dirigida pelos filhos e netos, continuando a ser considerados seus chefes os bemquistos e honrados vinicultores Bernardino Gomes da Silva e Ludgero Gomes da Silva, aos quaes prestam prestimoso e inteligente concurso os seus filhos José Gomes, José Bernardino, João Pedro, Ludgero e Bernardino Junior.



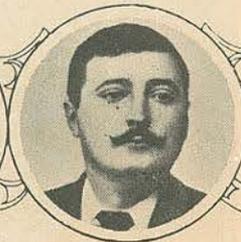
Trecho da adega-escritorio da casa Viuva Gomes, em Almoçageme



O sr. Bernardino Gomes da Silva Junior



O sr. José Gomes da Silva



O sr. João Pedro Gomes da Silva



O sr. João Bernardino da Silveira Gomes da Silva



O sr. Ludgero Ramos da Silveira Gomes da Silva

**ASTHMATICOS**  
Desanimados !

**o Pó DE ABYSSINIA EXIBARD**

Sem Opio nem Morphina.  
ALLIVIA instantaneamente  
Cada anno milhares de doentes

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C<sup>ie</sup>  
6, Rue Dombasle, Paris.

PARA ENCADERNAR A

“Ilustração Portuguesa”

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o PRIMEIRO SEMESTRE DE 1915, da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de otimo efeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respéctivo.

ADMINISTRAÇÃO DO “SEculo” — Rua do Seculo 43, Lisboa

**M** OZAICOS — AZULEJOS —  
CAL HYDRAULICA  
CIMENTO AGUIA ROCHEDO  
GOARMON & C.  
Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 2  
TELEPHONE 1244 — LISBOA

**Perfumaria Balsemão**  
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA  
MADAME

**Brouillard**



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gail, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguiram. Faia portuguez, francez, inglés, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

**COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO** *Socied. anonima respons. limitada:*

Acções .....	360.000\$000
Obrigações .....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisação .....	966.400\$000
Réis .....	360.000.000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobrelrinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaiadas para uma produçao anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressao e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276  
PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto  
Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117.

**RELOJOARIA DE PRECISÃO**  
RELOGIOS SIMPLES E COMPLICADOS  
**J. PICARD-CADET**  
(CROIX D'OR)  
15, PLACE DU MOULARD, 15  
**GENÈBRA** (SUISSA)  
CHRONOMETROS—CHRONOMETROS—  
CALENDARIOS—TACHYMETROS  
PULSOMETROS—TELEMETROS

**CATALOGO GÉRAL GRATIS A PEDIDO**

FABRICA  
DE  
CHOCOLATES

**INIGUEZ**

---

*Mais um triunfo*

---

O juri da EXPOSIÇÃO  
INTERNACIONAL  
DO PANAMÁ 1915 con-  
cedeu aos produtos  
d'esta fabrica o

**GRAND PRIX**

*E' a UNICA casa d'esta especialidade que  
obteve tão alta recompensa.*